



A RASURA OBLÍQUA DE ALICE

Jurema da Silva Araújo

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: ella.jurema@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Edileuza Costa

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: edileuzacosta@ig.com.br

RESUMO: Lançado em 1982, *Reunião de Família* é considerado o último livro da trilogia da família escrita por Lya Luft, que inclui ainda *As Parceiras* (1980) e *A Asa Esquerda do Anjo* (1981). Narrado em primeira pessoa por Alice, o livro trata, especialmente, da falência de alguns valores nos quais se alicerça o modelo de família nuclear. A proposta de análise discute, por meio da protagonista, a construção do gênero e as relações de poder, desenvolvidos especialmente a partir do mito do duplo que secciona a personagem. Buscamos em Judith Butler o aporte teórico necessário para lidar com o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Reunião de Família, Lya Luft, Gênero. Poder.

INTRODUÇÃO

Lya Luft tem se dedicado a escrever uma prosa de ficção de alcance vasto. Desde *As Parceiras* a escritora gaúcha se torna uma das vozes mais fortes da literatura brasileira contemporânea de autoria feminina.

Elegemos para discussão nesse trabalho o romance *Reunião de Família*, considerado pela crítica o último da trilogia familiar. Nossa perspectiva de análise está centrada nas relações de gênero e poder por meio da protagonista Alice. De modo igualmente importante, discutimos a seccionamento da personagem em duas

Alices. Utilizamos como métodos de análise a leitura e interpretação bibliográfica, centrada especialmente nas considerações de Judith Butler acerca do gênero.

Este trabalho integra uma pesquisa mais abrangente acerca da construção das personagens femininas na prosa de ficção de Lya Luft, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Em *Reunião de Família* a autora aborda o universo feminino através de temas como a loucura, a sexualidade, a solidão, o preconceito, a depressão, a morte, as fatalidades, os traumas e o isolamento. Sua obra é construída em



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

forma de reflexão, sempre trazendo as indagações existenciais desencadeadas muitas vezes pelo recurso da rememoração, oferecendo ao leitor oportunidades para que vozes distintas se façam ouvir, algumas vezes ocupando o primeiro plano, outras revelando um passado que irrompe denso e complexo. Por tudo isso é pertinente estudar os quadros das lembranças que fazem parte da construção da identidade feminina.

DESENVOLVIMENTO

A Alice dividida, refletida no espelho, acompanha e confronta a protagonista Alice, narradora do terceiro romance de Lya Luft: *Reunião de Família* (1982). Lido pela crítica como o último da trilogia da família (*As Parceiras*, 1980; *A Asa Esquerda do Anjo*, 1981; *Reunião de Família*, 1982), nossa proposta de leitura evidencia, por meio de Alice, o surgimento de novas práticas discursivas atinentes à mulher.

Se em *As Parceiras* Lya Luft aponta para os deslocamentos do poder patriarcal, em *Reunião de Família* ele é exposto e demolido – não pela rebeldia das personagens, mas pelo destino trágico a que estão

fadadas.

Mais uma vez a escritora gaúcha traz a orfandade materna como chaga que impinge a alma das narradoras: sem o idealizado amor materno, elas experienciam o maior de todos os desamparos. Podemos dizer que a ausência da mãe nos serve de alerta para o poder patriarcal absoluto. “Não conheci minha mãe; pelo menos não me lembro dela. Morreu quando eu era pequena. Só tenho umas *fotografias inexpressivas*, aquela mocinha era minha mãe?” (LUFT, 2005. p. 19. Grifos nossos).

Desde a infância, Alice trava o jogo do espelho. O seu reflexo mostra a outra Alice. Essa metáfora perpassa toda a narrativa e nos serve de mote para analisar a identidade fragmentada da personagem, a construção do seu gênero. Conforme Judith Butler, o gênero apenas se mostra nas relações de poder, o que significa que ele não é um dado biológico – embora este seja um ponto a se considerar. Ele está inserido, contextualizado e suas delimitações são maleáveis. Para a filósofa, o gênero é, portanto, uma performance¹. Alice tem uma

¹ Para Butler (2003), conceituar gênero já é problemático, uma vez que para ela este seria um empreendimento reducionista. O feminismo,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

identidade cindida, que como um pêndulo tende ora para a permanência das estruturas do poder patriarcal, ora para a transgressão – embora essa transgressão não se concretize na narrativa e, por esse motivo, a precariedade das relações familiares na obra seja constante e a infelicidade o destino da personagem.

Assim, a personagem Alice oscile entre a Alice roliça, desengonçada e desajustada, filha de um professor detestado por todos na escola, e a Alice do espelho, altiva, curiosa e desafiadora, conforme lemos: “Havia a Alice do espelho: também não tinha mãe, nem precisava dela; na verdade não nascera – era eterna na sua disponibilidade, flutuava naquele mundo polido, era um brilho de liberdade. Alada Alice” (LUFT, 2005. p. 35).

Antonio Candido (2011) apresenta discussão acerca da personagem no romance. Para ele, o romance é revestido por uma tríade

conforme a filósofa, elegeu a categoria *mulher* como uma identidade feminina. Não caberia, então, falar do gênero mulher, pois carece de dizermos a que mulher nos referimos. Embora venha de uma tradição filosófica pós-estruturalista, tendo em Foucault sua principal influência, Butler corrobora a historiadora Joan Scott ao admitir que o gênero é uma construção histórica e discursiva e, para além disso, questiona o movimento feminista como movimento político que orbita um sujeito uniforme.

indissociável: enredo, personagens e ideias, e a personagem “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção, transferência, etc.” (ibid., p. 54). É ela, a personagem, o que há de mais vivo no romance. Mas a personagem não é a parte essencial do romance, pois não existe separada das demais e só adquire seu significado pleno dentro do contexto, dentro da construção estrutural.

Entendida como *ser* fictício, essa designação para personagem soa como um paradoxo, pois, conforme questiona Candido (2011, p. 55) “como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe?”. Mas é justamente sobre esse paradoxo que repousa a criação literária, retomando o problema da verossimilhança: a verossimilhança do romance depende dessa possibilidade do ser fictício, ou seja, “algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 2011. p. 55). Não raro, algumas personagens vivem para além do romance, para além do seu criador, da sua criadora. E, embora não seja o foco da análise, podemos aludir à personagem Alice (*Alice no*



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pais das Maravilhas, de Lewis

Carrol). A Alice do escritor inglês vive para além dele, tanto que, irrefutavelmente, é retomada pela Alice de Lya Luft, sendo a metáfora do espelho forte indício dessa reatualização.

Certas concepções filosóficas e psicológicas – como o marxismo e a psicanálise – revolucionaram o conceito de personalidade, pois propuseram um desvendamento das aparências no homem e na sociedade e influenciaram a concepção de homem e personagem nas mais diversas atividades criadoras: romance, poesia, teatro, cinema, etc. O conceito de personagem não é um conceito estático. Assim,

Essas considerações visam a mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica da caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do

outro (CANDIDO, 2011. p. 58. Grifos da pesquisadora).

As apreciações sobre a personagem foram úteis para a compreensão do modo como a mulher, na personagem de Alice, é representada no *corpus*, entendendo representação por um viés que problematiza a relação texto-contexto, um tipo de conhecimento que torna acessível um objeto ausente por meio da substituição por uma imagem com força suficiente para reconstruí-lo na memória e de figurar como ele é (ZOLIN, 2010). Assim, as representações da personagem feminina nos romances são representações do modo de conceber o ser feminino a partir da ótica de Lya Luft.

Assim, leva-nos a crer que a construção da personagem evidencia as fronteiras movediças do gênero ao radicalizar a oposição entre a Alice dona-de-casa e a Alada Alice. Considerando a tradição do mito do duplo na literatura, é oportuno destacarmos que ele reforça a busca do *eu* e o encontro com o *outro eu*. Interessa-nos aqui compreender por meio dessa dupla representação de Alice os caminhos que levam à construção do gênero, uma vez que,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como comentado entre os teóricos, nossa identidade não é completamente formada, mas está em constante transformação, remissões, acréscimos. À primeira vista, a representação do duplo mostra-se translúcida, perfeitamente alcançável – ingenuamente pensamos em duas Alices completamente distintas –, mas logo essa representação obscurece, densifica-se, torna a aparente oposição em algo enigmático, dramatiza a relação. O mito do duplo de modo simbólico expõe os conflitos da vida humana, sendo recorrente na literatura moderna, em contraposição à ilusão da identidade uníssona do Renascimento. Perdendo a centralidade renascentista, o homem moderno é estilhaço, fragmento, rasura.

Essa rachadura eu/mundo incide no próprio ser. Decorre disso a Alice dividida: a narradora presa aos desígnios do modelo tradicional de mulher, forjada no patriarcado (mãe, esposa e dona-de casa abnegada) e a Alice do espelho, livre de convenções e anunciadora de novas práticas discursivas. De modo complementar, interpretamos que a Alice do espelho instiga a narradora com um presente

infeliz que é o efeito de um passado que poderia ter sido luminoso se a Alada Alice saísse do espelho.

Nesse ponto, podemos arguir que a Alice do espelho emerge para questionar e desacreditar o sujeito mulher tido como transhistórico, a identidade feminina que transita toda a história como signo de fraqueza, silenciamento e obscurantismo. A Alada Alice se insere na narrativa para nos fazer pensar o gênero como categoria dada *a priori*, tendo a função de ser crítica à História das Mulheres também – como advertiu Butler (2003) – uma vez que ser mulher depende em muito do lugar de fala, das práticas discursivas. Dessa forma, a resposta para a opressão da mulher seria o feminismo que, lido em linhas gerais, funcionaria como corrosivo para os três grandes poderes: patriarcado, colonialismo e capitalismo.

A Alice do espelho divide com Aretusa – chamada pela narradora também de Aretusa-Medusa – a posição de transgressora das oposições de gênero, uma vez que elas tomam para si atitudes tidas como masculinas. Elas representam o escárnio da Alice de vida pretensamente vigiada. Ambas são



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma dobradiça que tenciona novas práticas discursivas:

“Aretusa-Medusa”, gritam as meninas na calçada da memória [...] Aretusa-Medusa: a menina levada, a adolescente desinibida de quem falavam mal na cidade onde moramos juntas bastante tempo [...] Aretusa-Medusa, que inventava brinquedos malucos: não tinha medo de ninguém, nem de meu pai; criada pela mãe de cabelo oxigenado e cigarro na boca, que fora abandonada pelo marido e, diziam, andava com muitos homens. *Aretusa-Medusa, a adolescente que se deixava agarrar pelos rapazes da escola e dormiu com o namorado quando eu mal sonhava ser beijada* [LUFT, 2005. p. 25. Grifos nossos].

Inserimos aqui a contribuição de Butler (2003) ao problematizar a identidade previamente definida da mulher. A filósofa desconstrói o conceito de gênero no qual está alicerçada a teoria feminista: se esta contestou o determinismo biológico, Butler (2003) a critica por delegar ao construtivismo o posto de novo determinismo, o determinismo cultural. Ela argumenta que o gênero deva ser pensado circunstancialmente, ou seja, compreendido dentro das relações de poder. Desse modo, nossa análise considera que o *corpus* traz como exemplificação um tipo específico de mulher: branca, burguesa e urbana.

Em *Reunião de Família* o poder, apesar de cristalizado na figura dominadora do pai, o Professor, é constantemente questionado. Se o poder não pode ser vencido, negociamos com ele, conforme atesta o trecho a seguir: “Nunca mais Berta delatou nossas faltas; tornou-se cada vez mais dissimulada e mentirosa, como nós” (LUFT, 2005, p. 36).

Dando-se conta de sua condição, Alice nos revela o seu drama, o desejo de tornar-se outra Alice:

Quero morrer. Sinto uma incontrolável vontade de morrer, e descubro que essa vontade não é nova, é antiga, muito antiga. Quis morrer dezenas de vezes, lidando na cozinha, carregando a sacola de comprar, lendo sozinha na sala, vagando pela casa de madrugada quando tinha insônia, escutando meu marido roncar, ouvindo o ruído de sua mastigação, aguentando as brigas de meus filhos e disfarçando a dor quando me chamavam de velha. // Eu tinha outros planos para a minha vida, mas acabei sendo Alice, a coitada; a de mãos ásperas e coração agoniado [...] (LUFT, 2005, p. 109).

Retomando a crítica ao determinismo cultural propalada por Butler (2003), a personagem Alice se questiona sobre suas escolhas. Na primeira parte do livro, Alice tenta nos convencer – ou convencer a si mesma – de que leva uma vida sem



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

muitos arroubos, mas segura e, quem sabe, feliz. Durante uma discussão de família, chega a considerar que os demais tenham inveja de sua vida de dona-de-casa, pacata e tranquila. Entretanto, revela que para escapar à rotina torturante e à vida dedicada exclusivamente à família sem maiores recompensas, fantasia que tem um amante. Alice desejava ser como a outra Alice, desejava ser como Aretusa, desejava a liberdade anunciada nos livros que tanto adorava quando menina. Nesse sentido, o sentimento de desajuste frente ao que é socialmente atribuído à mulher promove a rasura oblíqua que atravessa Alice em toda a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se considerarmos o fracasso como signo de desconstrução da categoria mulher, conforme Butler (2003), ele se torna subversivo. A subversão não se completa porque a personagem permanece em posição subalterna.

Alice gostaria de ter sido outra, ter outro destino que não fosse esfolar as mãos num tanque com roupas sujas, mas o casamento lhe

soou como um escape. Contudo, infortúnio, na maturidade a personagem se dá conta de que, na verdade, apenas passara de um dono a outro: “Troquei de dono quando me casei, fui para um proprietário menos exigente, menos violento – mas meu dono” (LUFT, 2005, p. 109). Esse trecho evidencia que a opressão masculina toma vários caminhos, vai da violência física à simbólica.

Embora ao longo da narrativa a personagem Alice tome consciência de sua posição subalterna dentro das relações de poder – além de mulher, é filha de um pai autoritário e órfão de mãe – ela não rompe totalmente com o poder patriarcal, uma vez que a leitura confirma a condição de infelicidade através das tragédias que atravessam a vida da personagem: a morte da mãe e do sobrinho, o afastamento dos filhos e do marido, a relação conflituosa com Aretusa e o constante jogo de espelhos com a outra Alice. A incomunicabilidade e o desamor entre os membros da família atestam as ruínas da família nuclear. Lya Luft extrai da falência deste modelo familiar novas práticas discursivas que se anunciavam à mulher a partir da década de 1980: não mais confinada no lar, ela depara



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com novos arranjos familiares, outras
formas de afeto e diferentes modos de

transgressão frente ao poder
patriarcal.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: perspectiva, 2011. p. 53-80.

LUFT, Lya. *Reunião de Família*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. *Letras, Santa Maria*. v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.





XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br